

# Apresentação

O livro que agora trazemos a público foi, originalmente, uma tese para professor titular que, portanto, é fruto de uma pesquisa com fins de alcançar uma titularidade acadêmica, mas desde o início pensada para um público maior: o estudioso da linguagem. É por isso que a escolha dos caminhos de escrita esteve sempre ligada a uma expectativa de recepção que se desdobrava entre uma banca de altos especialistas da área e um público mais geral. Este último é composto daqueles interessados nos estudos da linguagem e, talvez, até mesmo especializados, que procurem um aprofundamento na área. O sucesso dessa empreitada, que não é modesta, nós deixaremos ao leitor a tarefa de julgar.

O que trazemos neste livro, portanto, é a experiência do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que, na passagem do século XIX para o século XX, ficou marcada na história do conhecimento. A sua inquietude diante da linguagem, uma das produções humanas mais instigantes, que gerou uma efervescência intelectual digna de nota entre os seus contemporâneos, o acompanhou a vida toda. Conhecer as línguas, as suas histórias, as suas origens, as relações entre elas, as curiosidades e também as suas estruturas gramaticais era uma atividade que reunia em torno de si boa parte daqueles que tinham acesso ao que era considerado educação e cultura na sociedade suíça, mas também a intelectualidade das melhores universidades daquele período. Tal mobilização em torno dos estudos da linguagem, conhecida por Saussure desde a infância – seu avô era um etimologista –, não escondia a ânsia pelo estatuto de cientificidade que os ventos

do século XIX espalhavam também por Genebra. A própria família de Saussure era constituída de pesquisadores em vários domínios da ciência há algumas gerações. A experiência de Saussure é única, singular, mas ocorre num terreno fértil de interlocução, cheio de hipóteses, com respostas variadas e muitas demandas novas para uma das curiosidades mais antigas da humanidade.

Quem lê Saussure no século XXI precisa ser advertido do grande horizonte que um estudioso da linguagem tinha a sua frente naquele momento. Não que hoje o horizonte seja menor; porém, atualmente, a categoria de “estudioso da linguagem” é subdividida, parcelando também esse horizonte de conhecimento e demandando uma verticalização que desemboca na conhecida hiperespecialização de nossos tempos. Saussure e os seus contemporâneos não conheciam, por exemplo, a subdivisão entre linguística e literatura, que polariza os estudantes de Letras há mais de um século, embora esses dois campos já fossem conhecidos. Visitar as obras dos irmãos Grimm, de Humboldt ou de Saussure nos permite vislumbrar uma ampla atenção aos fenômenos da linguagem em geral, sem obedecer aos limites desses dois campos que conhecemos hoje e, em alguns casos, mesmo de outras áreas de conhecimento.

O Saussure que trazemos neste livro é efeito do seu tempo, mas não em sintonia com ele. Por isso mesmo buscaremos acompanhar Saussure em uma das suas experiências que, aqui, junto com Agamben (2018), chamaremos de aventura enquanto indissociável da palavra. Para o filósofo italiano, “todo homem encontra-se preso à aventura” (AGAMBEN, 2018, p. 61) “que ele deve saber reconhecer para estar a sua altura” (AGAMBEN, 2018, p. 54). Esse parece ser o caso de Saussure, que escreveu sobre questões de linguagem desde muito jovem – estima-se que o seu primeiro manuscrito sobre o tema tenha sido produzido entre 14 e 15 anos – e escreveu até a sua

morte, aos 56. Foram décadas de escrita sobre o mesmo tema, que, no século XIX, era bastante amplo. Porém, Saussure marcou um percurso particular por entre as possibilidades de abordá-lo: havia o conhecimento próprio do século XIX, mas não uma resignação às respostas que os seus contemporâneos já haviam dado para as questões da área. Além disso, ele era capaz de se desvencilhar das questões unânimes e caminhar por outras, que o seu tempo ainda não havia enfrentado, embora não as desconhecesse. Esse era o caso em relação à demanda por cientificidade própria aos estudos da linguagem e às dificuldades de delimitação do objeto específico dessa ciência que, embora já tivesse sido histórica e também darwinista, ainda não lograva um estatuto comum de ciência entre seus próprios pares ou entre as outras ciências.

Saussure ainda era dono de uma especificidade que faz a sua produção ser, sem dúvida, um espaço onde se possa situar e seguir uma grande aventura. Ele dificilmente deixava uma questão de lado sem antes resolvê-la ou mesmo refazê-la a partir de outras bases que o permitissem avançar em seu percurso. Não é incomum, portanto, que as questões tomem formas diferentes diante das suas pesquisas sobre a poesia francesa, grega ou latina ou, ainda, das lendas germânicas ou dos falares da Lituânia. Dessa forma, a experiência dos pesquisadores em sua numerosa produção tem mostrado que há questões – e não são poucas – que o perseguiram durante toda a sua vida e encontraram diferentes pontos de elaboração ao serem tocadas pelos temas mais variados.

É assim que nos pareceu bastante óbvio tomar um grande manuscrito de Saussure na sua dimensão de aventura languageira, trilhá-lo e, ao seguir o fio da escrita do genebrino, acompanhar sua elaboração na última década do século XIX, porém sem esquecer que somos do século XXI e, por isso, profundamente marcados

pela experiência com o *Curso de linguística geral* (1916) nas diversas instâncias em que ele está presente: na formação de um linguista, bem como no seu percurso profissional.

O manuscrito que é objeto desta nossa empreitada é conhecido como *De l'essence double du langage*<sup>1</sup> e constitui um conjunto de mais de duas centenas de folhas escritas pelo linguista no século XIX, cujo conteúdo, na sua totalidade, é especificamente sobre o objeto dos estudos da linguagem em seus aspectos constitutivos. O manuscrito foi editado e publicado por Simon Bouquet e Rudolf Engler.<sup>2</sup> Além disso, é digno de nota que, em muitos pontos, o manuscrito se aproxima do conteúdo do *Curso de linguística geral*<sup>3</sup> embora, evidentemente, um e outro sejam muito diferentes em diversos aspectos.

Assim, na primeira parte do livro – “A(s) aventura(s)” – teremos dois capítulos. No primeiro capítulo, “Aventura e Linguagem”, apresentaremos a aventura, seja naquilo que o próprio Saussure enuncia enquanto tal ou enquanto se pode depreender da sua própria narrativa da travessia que empreendeu nos estudos da linguagem. Em seguida, apresentamos *A aventura*, ou seja, uma noção de aventura estabelecida por Agamben no livro com o mesmo título, publicado inicialmente em 2015, na Itália, e traduzido para o português em 2018. Procuraremos elencar aspectos da aventura – seja por Saussure ou por Agamben – que favoreçam a compreensão de que ela já é íntima ao trabalho de Saussure, assim como propícia para acompanhar a sua escrita no movimento de elaboração teórica em que ele se coloca. No segundo capítulo, “A(s) Potência(s)”, traremos

---

1 Sempre que nos referirmos a ele, conforme sua disposição no Archive 372 constante da Biblioteca Pública de Genebra e com cópia adquirida por nós em 07/2012, usaremos a sigla EDL.

2 Essa edição, publicada pela Gallimard na França em 2002 e pela Cultrix no Brasil em 2004, será referida neste trabalho pela sigla ELG.

3 Doravante CLG.

uma parte considerável da formulação de Agamben sobre a aventura, que implica as cinco potências que a regem, em que os conceitos não personificados para as potências são Daimon, Tyche, Ananche, Eros e Elpis. Ao introduzi-los, faremos sempre alguma articulação com a recepção da produção saussuriana com o objetivo de indicar os lugares em que elas já foram, de alguma forma, situadas pelos seus leitores.

Abraçamos a hipótese de que o manuscrito de Saussure, EDL, possa ser tomado como a aventura saussuriana e, portanto, que possamos recuperar traços do movimento do linguista na sua elaboração teórica a partir do modo como ele mantém relação com essas potências, tal qual se pode ler da sua própria escrita. Contudo, para além das luzes que essas potências podem jogar ao movimento de Saussure, o que sustenta a nossa reflexão é a perspectiva de Agamben de que a aventura se dá na linguagem, o que faz do manuscrito um dado talhado para a articulação com a aventura, que, nesse caso, é teórica e tem consequências para as ciências que tomam a linguagem como objeto ou dependem dela de alguma maneira.

A segunda parte – “O manuscrito” – partirá de um primeiro capítulo no qual faremos uma apresentação detalhada deste material e de seu histórico e contará com quatro capítulos que representam um loteamento conceitual do EDL, cuja totalidade resiste em ser apreendida em função de diversos fatores: a sua extensão, a quantidade de questões ali tratadas e as suas complexidades, aliadas às do próprio manuscrito enquanto materialidade específica. Dessa forma, no capítulo 1, o manuscrito *De l'essence double du langage* será apresentado ao seu leitor a partir de elementos da sua história e da sua materialidade para que o primeiro contato com ele ofereça uma imagem à altura da sua importância e complexidade. Nesse caminho escolhido para expô-lo, será possível tratar, também, de algumas informações importantes a respeito da sua produção,

descoberta e recepção, favorecendo uma compreensão do desafio que ele representa ao pesquisador. Além disso, apontaremos alguns princípios a partir dos quais concebemos a abordagem de um manuscrito e que nortearão a maneira como nós o trazemos nos capítulos que se seguem nessa segunda parte. No capítulo 2, “Signo linguístico”, percorreremos o manuscrito com o objetivo de surpreender Saussure na sua escrita tortuosa a respeito do que, no CLG, ficou conhecido como signo linguístico. Quase duas décadas antes das aulas que deram origem ao livro póstumo, Saussure estava em qual ponto da sua aventura com o conceito que ora conhecemos? Qual a potência que regia a sua escrita naquele momento? O leitor deve esperar um caminho acidentado e deveras diferente do que encontra no CLG. No capítulo 3, “Forma e substância”, o recorte é uma dupla conceitual não raramente evitada na produção saussuriana, embora a sua frequência seja constante. O desvio é compreensível: os conceitos em questão são dos mais dificultosos, por um lado, pela extensa literatura na filosofia e pouca presença na linguística do século XIX e, por outro, porque eles são pensados concomitantemente à constituição do objeto da linguística, o que lhes oferece uma relevância que os faz aparecer nos estudos, apesar da dificuldade. Além disso, o EDL é farto em referências a esses conceitos.

Todos os capítulos estão interligados porque a aventura de Saussure não secciona esses conceitos; ao contrário, ela os imbrica definitivamente. No entanto, pode-se dizer que a relação entre os dois últimos capítulos é de uma dependência inexorável, como veremos. No capítulo 4, “Sincronia e diacronia”, acompanharemos Saussure na sua relação com a linguística histórica de seu tempo e a necessidade que ele se impunha de apontar um novo caminho. No capítulo 5, “Língua, linguagem e fala”, abordaremos o tríptico

conceitual mais famoso do CLG. Embora talvez ele não encontre a sua formulação no EDL, isso não implica que não deva muito à aventura de Saussure na escrita do EDL, especialmente quando ele indica um outro caminho para a linguística muito além da linguística histórica.

Ao final dessa jornada, esperamos que o leitor tenha sentido o peso da aventura saussuriana pelos meandros da sua escrita, neste mergulho pelas rasuras, pelos incisos, diante da frase inacabada, em todas as repetições e também em cada formulação que nem sempre é facilmente situável entre tantos caminhos e descaminhos dos seus traços. Mas, supomos que, ao abordar a elaboração do linguista por esse viés, estamos contribuindo para a compreensão sobre a constituição da linguística enquanto ciência a partir do trabalho de Saussure, o que talvez nos permita pensar o linguista em geral no seu trabalho de pesquisa e construção da área, graças ao que ela já não é mais a mesma desde Saussure.

Um efeito pedagógico deste trabalho seria a possibilidade de que o seu leitor, ao apreender os conceitos no próprio movimento de elaboração, os compreendesse melhor, assim como perceber a necessária rede de relações que há entre eles. Mas não estaríamos satisfeitos se o leitor, antes de tudo, não vislumbrasse a necessária implicação do linguista nessa aventura – que, de início, ele não pode saber onde acabará (mesmo que não termine) – e, ainda assim, ele reconhecesse o seu pertencimento a ela, à aventura do linguista.